



Tate Modern

¹ Tendo feito a sua formação académica na famosa instituição internacional INSEAD, na London School of Economics and Political Science, na Universidade Católica Portuguesa e na Universitat Autònoma, Andreia Domingues é a fundadora de "Cobaias Intelectuais", um projecto inovador, criado em 2014, no âmbito da cultura e da educação, que pretende juntar pessoas das áreas das Letras, História, Filosofia e Literatura com indivíduos das mais diversos domínios mas que sejam fundamentalmente curiosas por estes temas. Foi Business Innovation Consultant no United Nations World Food Programme, entre Abril de 2013 e Setembro de 2014. É membro do Business Innovation Team, um "in-house management consulting team" que impulsiona a inovação nas práticas comerciais, as melhorias estratégicas, os projectos que impliquem a melhor gestão e a mudança nas actuações e nas práticas administrativas.

No dia de 15 de Junho, consegui ir à pré-abertura da nova ala do Tate Modern – a Switch House. Foi um pouco aleatório. Dias antes tinha visitado a ala antiga, agora ligada àquela por uma ponte, e também a mais distante Tate Britain, onde vi uma exposição sobre arte conceptual em Inglaterra.

Foi aleatório porque sabia que a abertura oficial era apenas dia 17, mas passando por ali de bicicleta vi uma multidão em fila para o novo edifício - alguns dias antes coberto de andaimes. Fiquei a saber que era a pré-abertura para membros e, por sorte, uma amiga minha tinha-me emprestado o cartão.

Coloquei-me na fila, com pessoas de todas as idades, que exibiam um tanto orgulhosamente o convite e o cartão e consegui entrar. Se por fora o edifício tem uma arquitetura interessante, por dentro, animado pelos passos curiosos das pessoas, adquire uma outra dimensão.

Vêm-se tectos de betão sobrepostos até formar um vértice, rodeados por uma escada em serpentina e várias salas de dimensões consideráveis que comunicam umas com as outras de forma livre e espontânea, felizes por serem casa temporária de um formigueiro inaugural.

Nenhum canto fica por explorar – apenas as salas ainda vazias ou de alguma forma vedadas. Com os elevadores sempre cheios, as escadas facilmente se transformam na continuação da peregrinação da fila lá fora e a qualquer momento, com maior ou menor ajuda, se vêem pessoas a descer e a subir, a espreitar corredores. Nem o restaurante, ainda sem servir refeições, escapou ao interesse das pessoas, que tocavam e admiravam os seus talheres e mesas como quem contempla uma obra de arte contemporânea.

O mais divertido, para além da coexistência amigável de obras antigas com obras mais recentes, foi observar as reações das pessoas, que tinham esperado tempo na fila para entrar. Havia alegria, surpresa, perplexidade, mas nunca indiferença relativamente às obras que estavam a ver. Se alguns tentavam perceber o significado da obra que tinham à frente, outros interagiam tirando *selfies* e outros ainda observavam de diversos ângulos para tornar o seu significado mais claro - nunca vi ninguém desistir.

Talvez mais do que noutros museus que visitei, e aqui falo por todos os espaços Tate, marcou-me bastante o ativismo dos artistas escolhidos. É difícil passar por qualquer uma das salas, sem que uma questão seja colocada, sem que arte em exibição sirva de veículo para colocar esta questão – seja a discriminação racial, os problemas vividos pelos emigrantes, ou a desigualdade de género. Aqui é fácil que a beleza estética se funda com a beleza ética, numa união clássica e inspiradora que não se preocupa em causar desconforto.

Espero voltar mais vezes e ainda que olhe para as mesmas peças, esteja atenta para as novas coisas que vão dizendo em tempos diferentes. Algumas peças eram dos anos 60 e até anteriores, mas a sua capacidade de tocar na ferida, tão pontiaguda como antes. Talvez de futuro eu não fique surpresa de ver arte contemporânea na Tate Britain, onde esperava encontrar sobretudo - e também encontrei - artistas mais clássicos como Turner. Talvez de futuro as exposições e espaços de arte sejam organizados em vez de épocas e estilos, em termos da sua capacidade de ferir e revelar na ferida o mais profundo da natureza humana.

Este é um bom pontapé de saída.

Andreia Domingues